

DESAGRAVO

A MARIO LINHARES

LEITE MARANHÃO

Revido a tulha de papéis em desordem, para limpeza do meu **bureau** de trabalho, no consultório, encontrei um embrulho estranho àquela confusão de folhetos e impressos de propaganda medicamentosa.

Abri, o estranho embrulho, e encontrei uma joia, um livro de Mário Linhares: — «**Ascensão**» !

Traz a seguinte dedicatória : — «Ao velho e querido conterrâneo e amigo Leite Maranhão, ao seu belo espírito e grande coração, afetuosa homenagem de Mário Linhares. Fort. 16/4/53».

Senti-me humilhado, e porque não dizer ? — envergonhado . . .

Um livro de Mário Linhares, mais de dois anos sôbre a banca, ao léu ! . . .

É demais.

Aquela dedicatória fulminante teve o efeito de uma excomunhão, de um remoque, de uma ironia, que escarnece a inconsistência do conceito que, muitas vezes, nos trai, frente à frente, as aparências de pessoa e de amizade.

Um belo espírito e grande coração ! . . .

Para que Mário escreveu isto, naquele livro que ficaria dois anos esquecido ao léu ? !

Francamente, é demais !

Sentei-me e, como que contrito, deliberei desagrar do meu pecado aquela relíquia de sublime sensibilidade estética, «em que se reflete bem nitidamente sua alma serena e bôa».

Tão sófrego, tão angustiado e penitente, ia escrever este desagravo sem ler o livro, refleti: — era pior . . .

Serenei, e penetrei naquêlê rosal do espírito com avidez de um colibri.

Logo, de início, mergulhei num lago azul de evocações miríficas, que ondula serena e plácida no estilo acadêmico de Othon Ccsta e envolve a personalidade moral, intelectual e estética de Mário Linhares.

Literografia não é um prefácio, nem tão pouco a apresentação de um livro dentro de um ritual de fina crítica literária.

É, sem dúvida, a sagração de uma personalidade estética, é a canonização de uma alma eleita para a glória do parnaso, «um dos mais sedutores espíritos da poesia brasileira contemporânea».

E, pois, Mário amigo, para dizer do teu livro, da tua Ascensão, eu busco os retalhos daquêlê painel majestoso em que Othon Costa te projeta «com o impenetrável broquel psicológico do cearense».

O ático panegirista de Ascensão devassou a personalidade de Mário Linhares e a sua atividade estética, revelando aspectos até então segregados e, porventura, desentranhados de sua modéstia e de sua fertilidade literária.

De tudo o que escreveu Othon Costa, uma revelação me fêz sorrir, francamente...

É que Laura Viterbo fôra, apenas, um simples pseudônimo de Mário Linhares...

Era eu acadêmico, na Baía, e acompanhei o duélo emocional entre Gilca Machado e Laura Viterbo.

Gilca, com os **Cristais Partidos**, revolucionou os espíritos com o seu estilo arrojado de revérberos sensualistas.

Laura Viterbo, diz Othon Costa, «a poetisa baiana, com seus versos de profunda exaltação amcrosa, e dotada de impressionante beleza, revelou-se logo com o seu amoravel lirismo sáfico, uma autêntica discípula de Gilca Machado e um dos mais desenvoltos espíritos femininos da época».

Ora, vejam só! Laura Viterbo, a bela enamorada do parnaso, a poetisa baiana estonteante e lúbrica, era Mário Linhares!...

Encontro nesta revelação o mais gostoso encantamento emocional, porque me transporto àquele tempo de sonhos e exaltação intelectual, em que entre nós, os postulantes da literatura contemporânea abriam sérias discussões no cotêjo e nas preferências dos versos em confronto.

Laura empolgou a crônica literaria e chegou-se, até, a divulgar-se o seu retrato de beleza sedutora exaltada no vigor e encantamento dos seus versos.

Aqui está a sua autocrítica neste soneto primoroso:

SER MULHER

Ser mulher, — ter no seio a lava ardente
De um incontido, sonho rossicler
E não poder dizer tudo o que sente
Pela simples razão de ser mulher.

Viver da hipocrisia deprimente
 E falsos preconceitos, sem sequer
 Ser leal consigo mesma, — é certamente
 Sujeitar-se ao mais bárbaro mistér...

Amar e embebedar-se de desejo
 De abraçar o seu beijo noutro beijo
 E ter de, em fim, contar o seu amor,

— É o suplício de um tântalo maldito
 Que erra, bradando, num supremo grito,
 Nos mais dantescos círculos da dor!

Este scneto foi, sem dúvida, a chave de oiro com que Mário encerrou aquela transfiguração de sua personalidade estética nas «delícias do Pecado» ao sabor dos sonhos e miragens da mulher.

E quando Laura ascendeu ao zênith de sua glória fascinante, Mário cansou, cansou de ser mulher... e voltou ao equilíbrio de sua virilidade, denunciando aquele «dantêscio circulo de dor», em que a vida de mulher se suplicia em holocausto aos caprichos do amor.

Volta Mário a viver a vida de sua musa viril e equilibrada na esgrima da imaginação, dos sonhos e das paisagens espirituais, entesourada na alma cearense.

«O citilante cantor de Evangelho Pagão, diz Othon Costa, é um verdadeiro hedonista, cujo centro de gravidade, é a beleza que êle sabe elevar acima de todas as contingências da vida».

Mário encanece sem envelhecer, e ascensão, sem ser o canto do Cisne, é a floração de uma eterna primavera entre os primores de sua atividade estética e a contemplação do seu espírito que se abisma de uma exaltação emocional.

Aqui está uma referência panorâmica de **Ascensão**, em que se polariza bem nítida «sua gaia e amável filosofia esteticista» —:

FESTA DA VIDA

Simplifica, a sorrir, tua existência.
 Vê, em tudo, um motivo de alegria
 E, assim, na paz da tua consciência
 Faze da Fé teu pão de cada dia.

E conserva em perpétua adolescência,
 Ungidos de esplendor e de harmonia,
 Teu coração e tua inteligência,
 Dentro do sonho excelso que te guia.

Homem! — Repara, como a luz da aurora,
Na aleluia sem par da Natureza,
Tudo, em redor, de júbilo se enflora.

Sim, tudo nos desperta e nos convida
Para o Bem, para a Luz, para a Beleza
Da grande festa espiritual da Vida!

No conflito de suas idéias, o Poeta medita : —

ENTARDECER

É a hora do crepúsculo. Entardece...
Plange, ac longe, na torre de uma ermida
A voz de um sino que a alma nos convida
Ao doce misticismo de uma prece.

É na meditação que a gente esquece
O sonho mau ou a ilusão perdida,
Pois no enlévo da Fé a nossa vida
Miraculosamente refloresce.

Nesta hora de silêncio e de tristeza,
Parece ungir-se tôda a Natureza
Do encanto vespéral da Ave-Maria...

Feliz quem possa, quando chega a tarde,
Sentir-se em paz, e para tudo guarde
Um sorriso de amor e de alegria.

Outras e outras referências de sublimação estética, romântica, emocional, poderíamos aduzir neste desagravo de gozo intelectual, é que — Ascensão — é uma nova Via-Láctea, uma outra Via-Láctea, no firmamento espiritual de Mário Linhares, em que sua **filosofia** esteticista ascende para as mais altas regiões dos sonhos e do Parnaso.

E é êle próprio que diz :

«É na sublimação do Sonho e da poesia
Que o poeta conquista maior alegria,
E seus passo conduz
Aos caminhos em flor da Graça e da Beleza
Para santificar tôda a sua tristeza
Na unção de nova luz...

Assim é Ascensão: — a sublimação de sonhos e concepções românticas que ornamentam um espírito ainda refulgente e reflorado.

Recordação — é, sem dúvida o decalque mais fiel de um estado da alma, bem nutrido no «lirismo maguado e essencial dos trópicos»:

Quando nas horas de recolhimento,
Lembro os dias febris da adolescência,
De novo, surges no meu pensamento,
Numa auréola de augusta refulgência.

O minuto fugaz de encantamento
Que, hoje, através, dessa reminiscência
Revive, em mim, com fundo sentimento,
Vale, talvez, por toda uma existência.

Para que recordar nosso passado
Se tudo jaz, de vez, amortalhado
Nas cinzas de nossa última ilusão ?

É que, ainda, me vens num sonho lindo,
Qual uma santa num altar sorrindo
A dar-me tua benção e teu perdão !

Aqui está, Mário amigo, o preço do meu pecado frente ao valor de teus atributos, convertidos naquela dedicatória extravagante de pura ironia e ritmo pagão...

De tua «alma serena e bôa», espero vir outra sanção que, em nós ambos, instile o frescor de um sorriso, a harmonia da grande festa espiritual da vida.